

Seria o bobo, um possível super-homem?

Maiara Franci dos Santos do Nascimento¹

Resumo

O presente trabalho faz uma abordagem da tragédia *Rei Lear* de William Shakespeare, escritor do século XVII, estabelecendo uma aproximação com o prólogo da obra *Assim Falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche, filósofo do século XIX. Este artigo objetiva estudar, a figura do bobo da corte e do Rei Lear, protagonista da tragédia shakespeariana, constituindo um comparativo com personagens nietzschianos: equilibrista e o palhaço, abordados no prólogo de *Assim Falou Zaratustra*. A análise explora e relaciona os conceitos de “super-homem” e de “último homem”, trabalhados na filosofia Nietzsche à peça de Shakespeare. O texto respeita a diferença temporal das obras, mas se concentra em relacioná-las através das imagens que ambas apresentam como livre dispositivo filosófico e literário. O trabalho busca sustentar a argumentação de que o personagem bobo apresentado por Shakespeare poderia vir a ser um possível Super-homem, de que falou Zaratustra.

PALAVRAS-CHAVE

Bobo; Super-Homem; Lear; Último homem.

¹ Graduada em Filosofia, pela Universidade Estadual do Piauí. Piauí, Parnaíba, Brasil. E-mail: mayaranascimento.sf@gmail.com.

Was the jester a possible superman?

ABSTRACT

The present work makes an approach to the tragedy *King Lear* by William Shakespeare, writer of the 17th century, establishing an approximation with the prologue of the work *Thus Spoke Zarathustra* by Friedrich Nietzsche, philosopher of the 19th century. This article aims to study the figure of the Jester, and the figure of the King Lear, protagonist of the Shakespearean tragedy, to make a comparative study with some of Zarathustra's characters: the equilibrist and the clown, that are present in the *Thus Spoke Zarathustra's* prologue. The analysis explores and relates the concepts of "superman" and "last man" by F. Nietzsche to Shakespeare's *King Lear* characters. The text respects the temporal difference of the works, but focuses on relating them through the images that both present as philosophical and literary free devices. The work seeks to support the argument that the jester character presented by Shakespeare could be the Super-man, of which spoke Zarathustra.

KEYWORDS

Jester; Superman; Lear; Last man.

Introdução

Considerada como um dos grandes escritos de Shakespeare, a obra *Rei Lear* foi escrita por volta de 1606 e não é de toda uma invenção shakespeariana, na medida em que fazia parte das lendas inglesas. De toda forma, o dramaturgo conseguiu trabalhá-la de forma inovadora, uma vez que conseguiu captar a tragicidade do enredo e elaborou aquilo que seria considerado na recepção de “tragédia”, algo completamente oposto às manifestações anteriores da lenda, geralmente dotadas de uma interpretação com um final feliz.

A peça tem início quando o velho Lear decide dividir seu reino entre as três filhas: Cordélia, Goneril e Regan. Ao pedir que elas falem do amor por ele, as duas últimas filhas fazem apenas bajulações ao pai, enquanto Cordelia é sincera, falando apenas que possui o amor que cabe à figura paterna. O rei decide dividir o reino entre as duas filhas mais velhas, dando preferência as bajulações das irmãs Regan e Goneril e desdenhando do honrado amor de Cordélia, cometendo, assim seu primeiro erro que seria o de destituir da herança a filha caçula.

Outro erro de Lear e que pode ser ressaltado na peça está presente na sua vontade de continuar gozando dos privilégios de um rei, mesmo não cumprindo com suas obrigatoriedades como tal, visto que seu reinado foi dado às duas filhas. Esse erro reflete-se, tanto na discórdia entre as irmãs quanto no Estado, o que resultará em uma guerra civil, o que desaguará na trágica morte da Família de Lear e do próprio rei.

Ressaltado esses elementos, o objetivo do presente texto é trabalhar as personagens do bobo da corte e do rei Lear, presentes na peça de Shakespeare, juntamente com as figuras do equilibrista e do palhaço, presentes no prólogo da obra *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche, a partir dos conceitos de “super-homem” e “último homem” utilizado pelo filósofo alemão. Não será feito juízo de valor das peças, mas sim, serão ressaltadas as semelhanças entre as personagens. Será identificado, ainda, que a filosofia nietzschiana preserva e carrega a partir das personagens do tragediógrafo características sublinhadas, principalmente ao tratar da sociedade e moralidade em sua filosofia.

A Obra *Assim falou Zaratustra* pode ser trabalhada em distintas áreas que compõem a filosofia, mas foi optado, no presente texto, por trabalhar com os personagens do prólogo em paralelo com personagens de Shakespeare. Embora a tragédia do literata possua

considerável diferença temporal em relação à obra nietzschiana, além de ser uma peça que compõe essencialmente a literatura, isso não é razão necessária para recusar a possibilidade de se captar questões filosóficas. Portanto, a partir de um estudo comparado, será buscada a elucidação de algumas questões filosóficas.

Sucinto esclarecimento sobre os conceitos Nietzschianos de “Super-Homem” e “Homem da cultura”

Nietzsche é um filósofo que trabalhou com diferentes conceitos em suas obras; para se compreender sua filosofia é necessário também que se entenda esses termos por ele utilizados. “Vontade de poder”, “amor fati”, “eterno retorno”, “super-homem”, “último homem”, esses e outros termos são vistos com frequência e possuem significativa importância na filosofia nietzschiana, visto que através da compreensão destes, os escritos nietzschianos ganham sentido. Nesta pesquisa serão trabalhados, principalmente os dois últimos.

Nietzsche começou a utilizar os termos “super-homem” e “último homem” na obra *Assim Falou Zaratustra*, mas isso não significa que eles não se apresentem como interligados a expressões trabalhadas em outras obras. Estes foram pouco explicados pelo filósofo, abrindo, assim, espaço para interpretações variadas por parte de comentadores. No prólogo de *Assim Falou Zaratustra*, podemos identificar as seguintes palavras:

Eu vos ensino super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para superá-lo?

Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios; e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem?

Que é macaco para o homem? Uma risada ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: Uma risada ou dolorosa vergonha. (NIETZSCHE, 2011.p. 3).

O conceito de “super-homem” é consideravelmente complexo, visto que em diversos momentos da obra, Nietzsche, através do personagem Zaratustra, oferece exemplificações do que seria o “Super-homem”, mas como já foi dito, esse também é um dos conceitos que abre margem para diferentes interpretações. A citação acima ressalta que o “super-homem” é aquele que tira as amarras do pensamento moral e que não se deixar dominar pelas criações morais que limitam e impossibilitam a livre ação do homem.

Nietzsche, no prólogo, faz uma relação entre o macaco, o homem e o super-homem, ou seja, assim como um macaco é para o homem, todo homem da cultura é tido como motivo de riso ou vergonha para o super-homem, visto que o super-homem consegue alcançar uma postura que vai além das imitações do homem da cultura, (referindo-se ao fato de estes concordarem com a moral e conceitos pré-estabelecidos) que se constroem por meio de suas próprias criações e não em prol de uma moralidade supraterrana.

O “super-homem” é constituído no instante em que se finda o processo de determinação moral. Assim, ocupa o lugar que antes era destinado a tal determinação. Assim, argumenta Nietzsche: “O super-homem é o sentido da terra!”. (NIETZSCHE, 2011. p. 3). Torna-se o sentido da terra, justamente por posicionar-se como determinação da verdade, no lugar que anteriormente era ocupado por determinações e fundamentações que estavam sempre acima da vontade do homem. É aquele que possui o caos dentro de si e encontra-se em contínua transformação, capaz de criar seus próprios valores, diferenciando-se do rebanho, além de desprezar o que foi dado como pronto e acabado.

Já o “último homem” ou “homem da cultura” seria esse a quem Zaratustra fala, ou seja, o povo, nós. Zaratustra argumenta: “Eu vos imploro, irmãos, *permanecei fieis a terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores saibam eles ou não”. (NIETZSCHE, 2011. p. 3). Esses são os últimos homens, os piores dentre os homens, aqueles que imploram pelas determinações que lhes foram impostas, que não dão importância aos seus valores próprios, incapacitados de criação.

Mertes (2007, p. 7) em seu artigo *Sobre a sentença de Nietzsche “O super-homem é o sentido da terra”*, salienta, por exemplo, em relação ao último homem: “[...] a compreensão metafísica de homem ainda marcada pelo humanismo judaico-cristão, que concebe o homem como essencialmente dado”. Essa é uma das interpretações atribuídas à figura do último homem, aquele que já está acabado, sem perspectivas de mudanças.

É importante compreender que o “último homem” se contrapõe ao “super-homem”. O primeiro supera as coisas pré-estabelecidas pela cultura, não possui o atributo de essencialmente dado e o último é considerado o próprio homem da cultura, que vive e quer ser rebanho, os que inventaram e felicidade e encontram-se pautados no viver, não pela sua própria capacidade de criação, mas de acordo com o que lhes foi oferecido, uma vez que isso lhes possibilita menos desgaste, lhes oferece maior comodidade e, por consequência, maior “felicidade”. No Prólogo, Zaratustra pondera:

A terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo

apequena. Sua espécie é inextinguível como um pulgão; o último homem é o que tem vida mais longa. “Nós inventamos a felicidade” – dizem os últimos homens, e piscam o olho. Eles deixaram as regiões onde era duro viver: pois necessita-se de calor. Cada qual ainda ama o vizinho e nele se esfrega: pois necessita-se de calor. (NIETZSCHE, 2011, p. 5).

O último homem representa quão pequenos são os homens, sendo aqueles que se esfregam uns nos outros como parasitas, não conseguem enxergar além da vida que os mesmos possuem. Além disso, são os que inventaram a felicidade, abdicando da dureza da vida e dos conflitos, na tentativa de minimizar todo e qualquer sofrimento, portanto, toda ação dos homens da cultura é subordinada à felicidade. Aquele que tentar sair e escapar dessa determinação é visto como louco, posto que os últimos homens devem se adaptar a viver em conjunto, ou em rebanho, em prol de uma felicidade comum. Passam a não sentir necessidade de conflito, tristeza, felicidade, sacrifício, nada além da medida, em prol de uma quietude que constituía a paz do rebanho.

Os conceitos aqui explicitados podem ser trabalhos com maior profundidade. Mas optamos por fazer esta sucinta apresentação, para melhor compreensão do foco principal deste estudo que é a aproximação dos personagens do prólogo de *Assim falou Zaratustra* com os personagens de *Rei Lear* de Shakespeare.

Uma breve explicação sobre o Prólogo de *Assim falou Zaratustra*

Nietzsche, ao escrever *Assim falou Zaratustra*, apresenta uma pretensão poética na obra. Ele escreve em forma de aforismos e utiliza personagens fictícios, o que dá a obra presente aparente leveza. Esse modo de escrita implica, todavia, em uma complexificação do ponto de vista da exposição do conteúdo, dando margem para divergentes interpretações. Por se tratar de uma obra riquíssima em detalhes, conteúdo e críticas, abre-se um leque de possibilidades para se trabalhar com a mesma.

No prólogo, é contada a história de Zaratustra, o homem que ficou recluso e sozinho por dez anos nas montanhas, e, em determinado momento, decide voltar-se aos homens com a finalidade de declarar a morte de Deus. No prólogo da obra observa-se o seguinte trecho: “Mas quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: ‘Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que Deus está morto!’”. (NIETZSCHE, 2011, p. 2).

Nesta obra o filósofo tem a pretensão de fazer uma forte crítica ao cristianismo, ou a

qualquer doutrina que tenha poder moralizante sobre o homem. Como é visto no trecho acima, faz referência também ao fato de que para Nietzsche, com a chegada da modernidade, se concretiza a morte de Deus, uma vez que os homens passam a se apegar a ciência e a doutrinas consideradas, por Nietzsche, como falsas. Desta forma, a crítica nietzschiana se dá também a alguns filósofos que defendiam uma doutrina moralizante ao estabelecer restrições, não o permitindo aos homens gozar de sua liberdade.

A crítica nietzschiana à questão da moral parte, desde a filosofia platônica que moralizava a vida do homem no mundo sensível em prol do alcance ao mundo inteligível, até a filosofia kantiana que, mesmo descreditando a metafísica, ainda assim defendeu a moralidade, dado que os homens se apegavam a valores relacionados à ciência e à racionalidade. Logo, a crítica nietzschiana vai desde a moralização por valores teológicos à moral de valores antropocêntricos.

Zaratustra, ao chegar à cidade mais próxima, tentou ensinar ao povo o que seria o “super-homem”. O personagem buscava companheiros, queria libertar aqueles considerados os “homens da cultura”. Nietzsche, através de Zaratustra, tentou mostrar que faltava ao povo da cidade o reconhecimento da morte de Deus, para que os mesmos abdicassem de viver como um rebanho.

Zaratustra, por exemplo, salienta: “não me compreendem, não sou boca para esses ouvidos”, referindo-se com isso ao fato de a população da cidade rir das suas colocações, ao falar do super-homem. A personagem ainda tenta posteriormente explicar o que seria o homem da cultura, todavia o povo continua a não entender, pois assim clamavam: “tornanos como esse último homem! E nós te presentamos o super-homem”. (NIETZSCHE, 2011. p. 5). Após o discurso de Zaratustra a população ainda não conseguia entender que os mesmos já eram os tais últimos homens, do qual Zaratustra falava.

Dando prosseguimento ao prólogo, o equilibrista, outra personagem da obra de Nietzsche, começa a fazer seu espetáculo, passando de uma corda a outra entre as torres, enquanto um palhaço atravessa seu caminho, fazendo-o cair da corda em direção ao chão. Já prestes a morrer, Zaratustra aproxima-se do equilibrista e afirma: “Tua alma morrerá antes ainda que teu corpo: Nada temas, portanto!” (NIETZSCHE, 2011. p.6). O equilibrista deu ouvido e compreendeu o que Zaratustra falava, em seus últimos momentos não apresentou medo nem clamou para ficar entre os homens. Logo, Zaratustra percebeu que este seria o mais próximo de super-homem que ele chegara, dentre toda a população da cidade, visto que o equilibrista, mesmo moribundo, consegue naquele instante

compreender a mensagem passada pelo personagem. Zaratustra continua a caminhar com o cadáver, até o momento de sepultá-lo, pois por ele nada poderia mais ser feito, mas ainda assim, continua a desejar ensinar os degraus para se chegar ao super-homem, para os que odeiam e zombam dele. Assim é findado o prólogo e dada continuidade em seus discursos, no decorrer da obra.

Uma aproximação entre personagens: Do Bobo ao Equilibrista

Após as explicitações de ambas as obras será estabelecida uma aproximação destas através dos personagens nelas presentes. Shakespeare trabalha grandiosamente a questão do mal o relacionando à natureza humana. Logo, a transgressão cometida por Lear é a que sucederá todo o mal, toda a tragédia que atravessará seu caminho. Essa tem início em torno da ocasião em que o rei prefere não acreditar no amor sincero de Cordélia, justamente, por ela expressar menos amor do que o velho Lear desejava ouvir. É a falta de compreensão do rei, o querer mais do que lhe é devido, que constitui a tragédia shakespeariana.

Durante a peça, Shakespeare narra a aprendizagem de Lear em virtude do erro por ele cometido. A figura do bobo aparece não só com o desígnio de dar graça, alegria à tragédia, mas para impedir que Lear esqueça do erro que desencadeou toda a trama trágica. Ou seja, o bobo representa a consciência do rei, e está presente na peça até o momento em que o velho Lear volta a ter discernimento de suas atitudes. Tudo o que é falado pelo personagem do bobo representa as verdades que o rei precisa conhecer, uma vez que o mesmo passa por esse momento de pouco entendimento. Em *Rei Lear* observa-se o seguinte trecho:

LEAR
Desde quando costuma andar cheio de tanta canção moleque?
BOBO
Me acostumei, senhor, desde que tu fizeste de tuas filhas tuas mães; pois quando entregas a chibata na mão delas e abaixas as próprias calças,
(*canta*)
*Elas choram de alegrias,
E eu de tristeza cantei,
Por ver dizer tonteiras,
E andar com bobos o rei. (...)*
(SHAKESPEARE, 2010, p. 281, 282)

Neste trecho é possível perceber quão esclarecido é o personagem do bobo em detrimento de Lear. Ele ressalta o erro que o rei cometeu ao passar o reinado para as mãos

de suas duas filhas. Trata-se de um personagem cômico na peça, ainda assim ele traz verdades demasiado cruéis, mas necessárias para que Lear retome a própria consciência. A retomada de consciência, consideremos aqui, como o reconhecimento de seu erro. Se relacionarmos isso com o prólogo de *Assim falou Zaratustra*, seria como a busca pelo esclarecimento, o homem abdicando de estar entre os homens da cultura e dando os primeiros passos para se tornar um possível super-homem.

A semelhança do personagem bobo de Shakespeare com o personagem equilibrista se dá por conta dos dois serem aqueles que trazem consigo suas próprias verdades, sem necessidade de falseamento do que lhes é próprio. No prólogo de *Assim falou Zaratustra* o equilibrista é o mais próximo que Zaratustra chega do super-homem. É nítido na passagem em que o Zaratustra está discursando sobre as características do super-homem e o povo, e até o próprio equilibrista acredita que a colocação de Zaratustra era sobre ele.

É feita uma aproximação do bobo da corte e super-homem, assim como do rei Lear com o palhaço e últimos homens, pelo fato de na tragédia shakespeariana o bobo representar aquele que fala, na tentativa de esclarecer o velho Lear, o rei que já está acabado pela cultura e por tudo que já viveu. É aquele homem pronto, que não espera nada a mais da vida, o último homem. No prólogo de assim falou Zaratustra vemos:

Depois de falaressas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. “Aí estão eles e riem”, falou para o seu coração, “Não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos”.

Será preciso antes parti-lhes as orelhas, para que aprendam a ouvir com os olhos? Será preciso estrondear com os timbales e os pregadores da penitencia? Ou acreditaram apenas num homem que balbucia?

Eles possuem algo que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam cultura, é o que os distingue dos pastores de cabras. (NIETZSCHE, 2011.p. 5).

O povo carrega consigo a cultura que os faz orgulhosos, também não permitindo que os mesmos ouçam o que Zaratustra diz sobre o super-homem. Não seria o mesmo que se passa com Lear? Quando ele insiste em não ouvir os conselhos que lhes são dados sobre a partição do reinado e desacredita no amor justo de Cordélia, que cabe à figura paterna; por não querer mais exercer o ofício de um rei, mas continuar a gozar das regalias do mesmo. Lear é esse homem já carregado de orgulho, cheio de si, que só aceita ouvir o que lhe convém, e está em busca de um caminho pouco difícil para não enfrentar seus problemas frontalmente.

Em *Rei Lear* o bobo diz: “Eu preferia ser qualquer coisa que não bobo. Mas não queria ser tu, vovô. Tu descascaste o juízo pelos dois lados e não deixaste nada no meio”.

(SHAKESPEARE, 2010, p.282). O bobo refere-se ao fato do Lear ter cometido o maior dos seus erros, fazendo uma bipartição do reinado, e deixando de fora sua filha, mais jovem: “Lear: tão jovem e tão dura? Cordelia: tão jovem e tão verdadeira. Lear: que seja! E co’ a verdade pra seu dote!” (SHAKESPEARE, 2010, p. 254). O trecho afirma o momento em que Lear comete o ato desmedido, tirando a parte da herança de Cordélia. O bobo, mesmo não possuindo nenhum tipo de educação (no sentido de não ter tido ensinamento formal), riqueza, bens, enfim, tudo o que Lear possuía, ao dizer que preferia ser qualquer coisa, menos ser o rei, é exatamente por considerá-lo o pior entre os homens, (Assim como o palhaço e os últimos homens, citados por Zaratustra no prólogo da obra nietzschiana) por saber que as atitudes de Lear o levaram a ser esse homem da cultura, por não carregar avareza e o desejo por um amor desmedido que o rei tinha, logo, nem mesmo o bobo queria se igualar a Lear.

Nesta passagem de *Rei Lear* vemos: “Bobo: A verdade é um cão que tem de ir para o canil. Ele é posto para fora com o chicote, enquanto a Madame Cadela pode ficar junto à lareira, e feder tudo”. (SHAKESPEARE, 2010, p. 297). O bobo, através de jogos de palavras, por meio de metáforas e ironias diz que a verdade deve que ser escondida, permanecer guardada, enquanto o engano toma todo o ambiente, referindo-se ao ato desmedido de Lear, mas isso é o que acontece com últimos homens, dado que detinham de grande visibilidade e viviam no engano. Por isso Zaratustra sempre percebe não ser boca para aqueles ouvidos.

No prólogo de *Assim falou Zaratustra* é narrado o momento em que o equilibrista vai apresentar-se e o palhaço passa a perna nele, o derrubando da torre, após a queda Zaratustra aproxima-se dele, o esclarecendo de que demônio nenhum ou inferno existem:

““(…) Se falas a verdade, então nada perco ao perder a vida. Não sou muito mais que um animal a que ensinaram a dançar, com golpes de bastão e pequenos nacos de comida.”

“De maneira nenhuma”, disse Zaratustra; “fizeste do perigo o teu ofício, não há o que desprezar nisso.” Agora pereces no teu ofício: por causa disso, eu te sepultarei com minhas próprias mãos.” (NIETZSCHE, 2011.p. 6).

Acima é citada a cena que antecede a morte do equilibrista, ele agradece as palavras de Zaratustra e padece como se estivesse, naquele momento, acreditado que realmente não existe o inferno que ele esperava, até então, que poderia ir, abdicando das crenças do rebanho. Quando ele fala que não é muito mais que um animal, que foi adestrado ao aprender dançar vemos que se assemelha muito com o bobo, de Shakespeare, que sua

função principal nas peças é entreter o outro. Mas assim como o equilibrista, o bobo faz da vida o ofício, ou seja, faz esta valer a pena, vive cada instante como último, visto que não é somente fonte de entretenimento, mas carrega consigo verdades, que uma vez ditas, ele está sujeito ao açoite, à morte, corre o risco de não ser ouvido, de zombarem de sua postura, como fizeram com Zaratustra, ou de o passarem a perna, assim como o ocorrido com o equilibrista, portanto, se este foi o mais próximo do super-homem que Zaratustra encontrou dentre os últimos homens, logo, a figura do bobo, na tragédia shakespeariana poderia sim ser considerada, a de um possível super-homem.

Conclusão

A maneira em que é mostrada a linguagem utilizada pelo bobo, por meio de ambiguidades, ironias e jogos de palavras ora se distancia, ora se aproxima da linguagem utilizado por Nietzsche no prólogo *Assim falou Zaratustra*, mas é perceptível a semelhança entre ambos os textos, quando se utiliza da interpretação dos personagens de cada obra.

O bobo, tem o papel de levar alegria aos ambientes pesados que são retratados na tragédia. Ele apresenta a verdade para os outros personagens, com uma leveza que só existe em alguém que é livre, mesmo sendo um bobo. Parece estar em constante construção do que ele é. É aquele que não carrega o peso de fazer parte de uma sociedade, de colocar limitações em suas falas e ações, de apresentar-se acabado, feito, pronto, mas em constante crescimento, talvez por isso representado na figura de um garoto, parece dizer que o Lear mesmo com a idade avançada pode ainda ser assim como um bobo leve e alegre; não carregando consigo o orgulho e moralidade imposta pela sociedade; não demonstrar-se já acabado, pronto, mas sempre carregar em si a possibilidade de ser uma passagem e não um objetivo.

Observa-se isso até mesmo no fato do bobo ser representado por Shakespeare como aquele que some no meio da história, quando Lear retoma a consciência e não se precisa mais dele. Esse desaparecimento do bobo pode se dar pelo fato deste não necessitar de um final pronto assim como o dos outros personagens, mas para demonstrar essa constante construção em que se firma um super-homem.

As obras trabalhadas neste estudo são riquíssimas em detalhes e contém um leque de possibilidades para serem exploradas. Foi optado trabalhar com a temática interpretativa,

dos personagens e constituir um paralelo entre *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche e *Rei Lear* de William Shakespeare, uma obra de literatura. Objetivamos mostrar que questões filosóficas não se encontram somente em obras específicas desta área de conhecimento, isso já é perceptível no próprio feito nietzschiano, com o intento de apontar o olhar para um novo horizonte a ser vislumbrado com a captura de indagações concernentes à filosofia em obras, por muitos, desconsideradas neste campo de pensamento, tal como foi constituído aqui: um estudo de filosofia, com o apoio da literatura shakespeariana, anunciando, assim, a possibilidade de apreender temas filosóficos dentro de outras obras e manifestar a notória harmonia que pode existir entre ambas, apresentando o diálogo possível entre a literatura e filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILATE, Danilo. Nietzsche entre Übermensch e o Unmensch. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 215-229, 2014.

MERTENS, Roberto S. Kahlmeyer. *Sobre a sentença de Nietzsche “O super-homem é o sentido da terra”*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

SHAKESPEARE, William. *Rei Lear*; trad. Barbara Heliodora. São Paulo: Abril. 2010.

NIETZSCHE, Frederich. *Assim Falou Zaratustra*; trad. Paulo César Lima de Souza, São Paulo: Companhia das Letras. 2011.